



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário

(11) 95446-2020 pormassas.org

Nº 35 2 de outubro de 2025



Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR)

Não à paz dos cemitérios de Trump e Netanyahu!

Não ao plano do imperialismo norte-americano de controle da Faixa de Gaza!

Não ao objetivo do Estado sionista de Israel de acabar com a resistência do povo palestino!

Não à estratégia sionista-imperialista de liquidar o Hamas!

Abaixo a convivência dos Estados árabes com as medidas de opressão nacional dos Estados Unidos!

Abaixo a subserviência da Autoridade Palestina aos ditames das potências imperialistas!

Organizar uma frente única anti-imperialista da maioria oprimida para romper com a conciliação dos governantes árabes e para derrotar o colonialismo dos Estados Unidos e de Israel.

Por um levante mundial da classe operária e dos demais trabalhadores pelo fim do genocídio e pelo direito à autodeterminação do povo palestino!

Por uma República Socialista da Palestina, como parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio!

Concluída a teatralização na ONU do presidente francês Macron sobre o reconhecimento do Estado palestino, Trump, imediatamente, promoveu a propaganda imperialista de como acabar com a resistência do povo palestino e liquidar o Hamas. Tanto Macron com sua patifaria quanto Trump com sua artilharia genocida protagonizaram o exercício diplomático voltado a apoiar Israel e a livrar o Estado sionista da responsabilidade pela destruição da Faixa de Gaza, pela carnificina, pelo genocídio e pelos bombardeios ao Líbano, Síria, Iêmen, Irã e Catar.

A bandeira esfarrapada do reconhecimento do Estado palestino mal oculta que o imperialismo europeu, anteriormente, seguiu a política de Biden de apoio à intervenção militar de Israel e, agora, depois de dois anos de massacre na Faixa de Gaza, procura diferenciar-se de Trump, valendo-se do palavreado magnânimo de permissão ao povo palestino do direito a uma caricatura de Estado. E Trump aproveita a matança, a fome, o desabrigo e o desespero da população palestina para colocar sobre a Faixa de Gaza a espada da capitulação, ou da realização definitiva do morticínio.

O imperialismo britânico abriu caminho, já em 1917, à colonização sionista da Palestina, cujos sinais de total incompatibilidade e de violenta confrontação

marcaram a história dos massacres e expulsões dos palestinos. O Mandato britânico concebeu a possibilidade de igualdade de direitos entre judeus e palestinos, isso quando mais de 80% da população eram de palestinos. A revolta palestina em 1929 evidenciou o real sentido e dimensão da colonização sionista e do apoio do imperialismo inglês e francês. Essa confirmação se materializará na revolta palestina de 1933 e na brutal repressão das Forças Armadas britânicas.

Nesse percurso da partilha do Oriente Médio, com a vitória da aliança imperialista franco-inglesa sobre o império turco-otomano, a divisão da Palestina em dois Estados mostrou-se, já em 1937, historicamente impossível. A Segunda Guerra Mundial concluiu com uma nova partilha do Oriente Médio. Dessa vez, o imperialismo norte-americano deu sequência ao objetivo de implantar institucionalmente o Estado de Israel. A decisão da ONU, em 1948, previa dois Estados. Os árabes, apoiados na experiência de 1917 a 1939, período pós Primeira Guerra, resistiram à tese imperialista dos dois Estados.

O confronto que marcou a primeira guerra de resistência à colonização sionista não fez senão confirmar que o Estado de Israel somente poderia ser edificado à base da força econômico-militar e da expulsão dos palestinos em grande parte do território. Posteriormente

te, a Guerra dos Seis Dias em 1967 estabeleceu um novo marco do desenvolvimento do Estado sionista. Israel ampliou suas fronteiras e empurrou os palestinos a uma pequena parte do seu antigo território. Os próximos passos foram o de avançar no processo de colonização. A Guerra de Yom Kippur, em 1973, em que Israel enfrentou o Egito e a Síria, contrários à conquista de terras pelo sionismo, concluiu favorável ao expansionismo israelense.

O fortalecimento do militarismo do Estado de Israel, apoiado pelos Estados Unidos, o levou a invadir em 1982 o Líbano, com o objetivo de destruir a resistência armada dirigida pela Organização de Libertação da Palestina (OLP), que se encontrava ali exilada. Os sionistas apoiados pelas milícias cristãs maronitas desfecharam o bárbaro massacre nos campos de refugiados de Sabra e Chatila em Beirute, assassinando os palestinos desarmados. Os Estados Unidos estiveram abertamente comprometidos com os crimes de guerra de Israel. A ONU reconheceu o assassinato em massa como genocídio. A retirada das forças da OLP do Líbano se assentou em um acordo de reconhecimento do Estado de Israel. Os Estados Unidos, aliados europeus e governos árabes montaram a farsa do acordo de Oslo, que implicava a constituição de um Estado palestino regido pelas fronteiras anteriores à Guerra de 1967.

As ilusões dos dirigentes da OLP e, na prática, a traição à luta pela autodeterminação do povo palestino, se traduziram na divisão entre a Cisjordânia dirigida pela Autoridade Palestina e a Faixa de Gaza, que passou a ser governada pelo Hamas em 2006. A colaboração da Autoridade Palestina com o imperialismo europeu e norte-americano resultou em um grande avanço da colonização judaica na Cisjordânia, imposta pelo intervencionismo militar e policial, bem como pelas milícias formadas pelos colonizadores. A Segunda Intifada – levante popular dos palestinos –, de 2000 a 2005, indicou a resistência contra o expansionismo israelense sobre Jerusalém. Israel se retirou da Faixa de Gaza, mas a cercou com uma muralha, tornando-a em campo de concentração. O objetivo de sufocar economicamente a população de Gaza não foi suficiente para derrubar o governo do Hamas.

A Operação militar do Hamas em 7 de outubro de 2023 somente pode ser entendida no processo histórico de implantação do Estado sionista pela força das armas e pelo cerco econômico-social à população de 2,4 milhões de palestinos na Faixa de Gaza. Da mesma forma, o dilúvio bélico descarregado por Israel e a decisão do governo de Netanyahu e do imperialismo norte-americano de ir às últimas consequências com o genocídio somente pode ser entendido no terreno da longa marcha do colonialismo sionista.

Há uma outra condição para a compreensão mais próxima possível do massacre e da amplitude de que Israel deu ao intervencionismo militar no âmbito do Oriente Médio, que é a polarização das forças econômicas em nível mundial. É preciso reconhecer a interrelação entre a guerra na Ucrânia, iniciada em 2022, e os abruptos acontecimentos que envolveram a Faixa de Gaza e vários países do Oriente Médio. Em sua base, se encontram a guerra comercial e a escalada militarista. Os antagonismos do imperialismo europeu e norte-americano com a Rússia têm como antecedentes a retomada da crise mundial do pós-Segunda Guerra na década de 1970

e no processo de restauração capitalista que levou à liquidação da URSS em 1991 e impulsionou as reformas pró-capitalistas na China.

Os Estados Unidos estão profundamente envolvidos na guerra da Ucrânia, na intervenção militar de Israel na Faixa de Gaza e na guerra comercial contra a China. Está colocada mais à frente o confronto militar do Estados Unidos com a China. O governo de Trump espera impor um novo reordenamento no Oriente Médio que resulte no esmagamento ou neutralização do Irã. É preciso enfraquecer o máximo possível a resistência do nacionalismo que questiona a hegemonia mais ampla do imperialismo norte-americano no Oriente Médio.

O plano de anexar a Faixa de Gaza que passaria a fazer parte do território israelense é de difícil concretização devido às divergências entre os Estados árabes e os temores das potências europeias. De forma que seria um passo mais seguro impor a derrota ao Hamas, constituir uma força de intervenção na Faixa de Gaza dirigida pelos Estados Unidos e dar continuidade à colonização na Cisjordânia colocando a Autoridade Palestina como agente servil do plano de Trump.

Os setores da burguesia mundial descontentes com a paz dos cemitérios dos Estados Unidos insistem em condenar o Hamas, o que os coloca no terreno da solução imperialista. E os setores que não condenam o Hamas e que contribuem com a farsa dos dois Estados se mostram temerosos e impotentes para se levantarem contra os Estados Unidos.

O único caminho para acabar com o genocídio e dar um passo em favor do direito à autodeterminação do povo palestino é o que já vem sendo trilhado pelas manifestações das massas em nível internacional. Destacam-se, recentemente, a greve geral na Itália, os protestos de 100 mil em Berlim, as mobilizações em Londres e na Espanha, bem como a resistência da juventude nos Estados Unidos. No Brasil, o movimento chegou a ter pontos altos de mobilização. Não foi maior porque as direções burocráticas se negam a organizar a luta anti-imperialista desde os locais de trabalho e as correntes de esquerda são débeis e incapazes politicamente de trabalhar pela constituição de uma frente única anti-imperialista.

Sem dúvida, uma frente única anti-imperialista possibilitaria proliferar os comitês pró-palestina e combater o colaboracionismo das direções sindicais que só em palavras dizem defender a nação oprimida e se opor ao genocídio. A fraude dos dois Estados deve ser desmascarada e evidenciar o conteúdo imperialista do posicionamento das potências europeias. O plano de Trump deve ser combatido com o programa e a estratégia da classe operária.

A luta da vanguarda com consciência de classe pela constituição da frente única anti-imperialista se dirige a derrotar em primeira instância a ofensiva mundial do imperialismo norte-americano. O Partido Operário Revolucionário (POR) e o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) defendem o programa da revolução social e o objetivo da nação oprimida de alcançar uma República Socialista da Palestina, como uma trincheira para barrar o genocídio, a anexação e o domínio imperialista dos Estados Unidos no Oriente Médio.

**Viva a resistência heroica do povo palestino!
Derrotar o imperialismo opressor e saqueador!**